

Sobre o bullying: Relatos de um estudante natalense

Quando eu tinha oito anos de idade, minha família resolveu que era hora de me mudar de colégio, e assim fui estudar em uma instituição local, bastante reverenciada pelo alto nível de ensino. O primeiro episódio de bullying que tenho lembrança ocorreu na minha segunda semana de aula e se repetiu várias vezes naquele e no ano subsequente: os colegas me extorquiam o dinheiro do lanche, sob pena de dizer a coordenadora que eu os estava xingando. Todos tidos como bons alunos e tranquilos, detentores de boas notas e comportamento impecável. Na ocasião que não cedi, cansado de passar o turno com fome, fui surpreendido com um chamado na sala da coordenadora, questionando o porque eu tinha xingado um coleguinha. Claro, um novato nunca teria chance perante um dos alunos mais queridos pelo colégio. Dalí em diante a coisa se agravou, além de ser extorquido diariamente, tive de pagar “proteção” a um colega da turma, mais velho e briguento. O pagamento era feito na forma de um pacote de salgadinho Pingo de Ouro.

Os problemas com esta turma atingiram seu cume na 4ª série, quando fui sumariamente linchado por todos os colegas, novamente a “nata” da turma. Levei chutes no rosto, nas costas e nádegas. Fiquei em observação em casa por suspeita de estar com traumatismo craniano. Minha família entrou em contato com um colega que eu tinha o número na agenda e fui chamado na coordenação no dia seguinte, já que o assunto tinha sido cientificado.

Novamente a coordenadora falhou em sua função. Além do mais, este colega que minha família contatou foi exatamente um dos agressores e que, no início da aula, ao me ver cheio de hematomas foi categórico: da próxima vez que alguém da sua família me procurar, você irá morrer.

Tendo em vista esse cenário, minha família optou por me mudar de turno. Troquei o horário de estudo e o tipo de violência: de surras, tabefes e extorsões, passei a ser vitimado por violência moral, na forma de apelidos e comentários sobre a minha pessoa. Curiosamente, desta vez o problema deixava de ser exclusivo com a turma – apesar de ter feito amigos que me defendiam – e passou a incluir alguns professores, que embarcavam na “brincadeira dos colegas.”

Neste período, minhas idas a coordenação eram constantes, sem que nenhum dos dois coordenadores responsáveis por esta turma conseguiu identificar o que de fato acontecia. Eu era um adolescente agressivo, tímido, fechado e com poucas habilidades sociais. Minhas

notas eram baixas em especial pelos trabalhos em grupo, já que não havia maneira de me incluir em nenhum deles, então deixava de fazer várias das atividades.

Ainda nesta época, a parte dos apelidos degradantes que me eram dados, três eventos foram marcantes: numa ocasião, um colega urinou na minha garrafa de água; noutra, defecou na minha bolsa, duas vezes – não preciso dizer que em ambas ocasiões perdi todo o material escolar, incluindo cadernos e livros e a última foi uma agressão sofrida durante uma aula.

Havia retornado de uma cirurgia nas férias e que estava em cicatrização, o pós-operatório era complicado e eu mesmo com dor ia às aulas. Um colega fez questão de dar um chute no exato local da ferida. Quis gritar de dor, mas sabia que qualquer reação minha iria piorar as coisas. Esperei um pouco e pedi para voltar para casa, aleguei estar enjoado.

Isto resume o ensino fundamental. Gostaria de dizer que as coisas iriam melhorar no ensino médio, porém, tenderam justamente ao oposto. Por um lado, as ofensas dos colegas começaram a diminuir, até porque eu comecei a ameaçá-los de volta: disse que iria tirar cópia das conversas do MSN e levaria tanto para a coordenação quanto para a polícia. Uma das ameaças que me foram feitas é de ser queimado vivo na primeira ocasião em que fosse visto fora do colégio.

O cume do bullying foi alcançado quando passei a ser vítima da própria instituição. Se antes o colégio era omissão – e quiçá conivente – tornou-se fonte direta dos meus problemas. Tudo iniciou quando um professor decidiu que eu deveria reprovar, pois não “tinha o perfil de um aluno apto a cursar o pré naquele estabelecimento.”

Findei em uma nova turma e longe do meu grupo de amigos – aquele que mencionei lá atrás e que eram a razão de eu suportar tantas coisas. Por opção da coordenadora – que me taxava de insensível, chegando a ligar para minha mãe para falar que ela errou na minha criação. Pois eu não era capaz de enxergar bondade. Recebeu como réplica que ela junto com a instituição haviam me destruído – tive de ficar em uma sala que os alunos simplesmente me ignoravam.

Eu era o reprovado burro, que não merecia estar em contato com eles. As únicas amizades deste período foram outros novatos – igualmente isolados. A coordenadora me massacrava de todas as formas, dizia que eu era responsável por aquilo tudo, que eu não sabia ser gente. Era removido da minha sala para fazer prova trancado na sala dela. Disse que meu sofrimento era de inteira responsabilidade minha e que eu deveria aguentar.

Digo que nunca fui Santo. Mas também não merecia sofrer tanto. O tempo remediou várias coisas, mágoas se dissiparam e das feridas ficaram as marcas. Cito aqui Herbert Vianna: “são tantas marcas que fazem parte do que eu sou agora, mas ainda sei me virar”.

Talvez eu nunca tenha superado, porque no fundo dói falar sobre esse assunto. Foi uma violência escrever esse texto, mas digo que sobrevivi e tive chance de evoluir durante o ensino superior, no qual encontrei sentimentos bem diferentes da opressão vivida.

Aquele aluno maltratado, taxado de incapaz por colegas e pela própria instituição cedeu lugar a um homem divertido e sorridente, que gosta de falar em público e interagir com as pessoas. Hoje o reprovado é advogado e faz mestrado.

Talvez a maior lição que tenha ficado foi: trate os outros bem, independente da situação que você estiver, seja empático com quem está ao seu redor, procure fazer o bem para que ninguém sofra o que você sofreu.